

---

## As Identidades Nacionais na Copa Libertadores Pelos Periódicos <sup>1</sup>

Diogo Corrêa Meyer

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

### Resumo

Busca-se com esta pesquisa compreender o fenômeno da formação de identidades e alteridades nacionais através de abordagens jornalísticas sobre o futebol. Para isso, selecionamos alguns confrontos entre clubes argentinos e brasileiros na Copa Libertadores da América e a as diferentes narrativas e imagens que os meios de comunicação impressos da Argentina (a saber, *Clarín* e *La Nación*) produzem do Brasil. As equipes que participam desta competição auxiliam na constituição imaginada de identidades e comunidades e levam consigo uma representação nacional do futebol. O objetivo fundamental é compreender a produção das representações das identidades e alteridades regionais e nacionais no âmbito da cobertura jornalística de um importante torneio internacional de clubes, a Copa Libertadores da América.

### Palavras-chave

Futebol; Identidade; Meios de comunicação.

### ***“Toco y Me Voy”<sup>2</sup> - Os Estilos de Jogo Argentinos Segundo os Periódicos***

O confronto entre argentinos e brasileiros no futebol – seja em clubes, seja em seleções nacionais – chama a atenção por representarem duas potências deste esporte. Ambos os países receberam influência do grande império inglês constituído no século XIX e acabaram adotando costumes europeus, especialmente nas respectivas classes dominantes latinas. Durante pelo menos as duas primeiras décadas do século anterior, o futebol era uma modalidade lúdica jogada exclusivamente pelas classes altas das grandes cidades e considerado uma prática amadora, ou seja, somente estudantes brancos, descendentes de ingleses ou europeus e oriundos de famílias ricas participavam de tal esporte <sup>3</sup>. Algumas cidades como Buenos Aires e São Paulo recebiam e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Fórum de Pesquisas em Comunicação, Esporte e Cultura, evento componente do I Seminário Internacional do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte.

<sup>2</sup> Expressão consagrada no Brasil pelo narrador Galvão Bueno ao se referir às equipes argentinas, popularizando tal frase cunhada pelos argentinos.

<sup>3</sup> Vale observar que os clubes com maior número de títulos neste período estavam relacionados às elites urbanas; caso do clube Alumni, em Buenos Aires, e do Clube Atlético Paulistano, em São Paulo. Com a paulatina profissionalização e a popularização (ou *criollismo* no caso argentino), estes clubes adquiriram uma imagem negativa

incorporavam imediatamente estes costumes através dos europeus que vieram em grande número para estas cidades no início do século XX. Entre a década de 1920 (na Argentina) e 1930 (no Brasil), o esporte adquirira contornos de símbolos nacionais para duas pátrias relativamente jovens. A Argentina, por exemplo, buscará em suas origens *criollas* (no mito do herói *gaúcho* Martín Fierro, por exemplo) um símbolo que fomentasse uma representação nacional própria que excluísse especialmente qualquer tipo de vínculo com a Inglaterra, colocando estes em uma relação de alteridade e estranhamento que se mantém até hoje. Segundo Alabarces,

La invención del estilo criollo de juego, *la nuestra*, funciona especialmente en *espejo*, en la comparación con el *otro* y la atención a la *mirada del otro* (...). El estilo se construye entonces como mecanismo de inclusión (de los hijos de inmigrantes *legítimos*: italianos y españoles) y exclusión (de los inmigrantes ilegítimos: británicos), a los efectos de constituir un nuevo híbrido, el fútbol criollo, *la nuestra* (...). Así, “el imaginario del estilo criollo como opuesto al británico no es solo la creación de la prensa argentina sino también de la inglesa local que, continuamente, opone el estilo británico asociado al sentido táctico, la disciplina, el método, la fuerza y el poder físico, a las virtudes criollas, basadas en la agilidad y en el virtuosismo de los movimientos” (Archetti, 2001: 20).” (ALABARCES, 2008, pp. 46-7).

Outras cidades, como Porto Alegre, sofreram influência direta do intenso intercâmbio cultural entre o Uruguai e a Argentina; influência esta maior até do que a brasileira propriamente dita <sup>4</sup>. A fronteira não delimitava uma separação precisa e rigorosa do território português com as colônias espanholas, o que permitia um intenso intercâmbio cultural entre essas regiões. Segundo o geógrafo Gilmar Mascarenhas de Jesus, formou-se no Rio Grande do Sul:

um modelo de organização espacial sob as mesmas determinações históricas do restante da região platina, este “espaço-em-construção” em expansão no século XVIII: atividade pastoril rudimentar, escassos núcleos urbanos e imensas estâncias, espaço disputado precariamente por duas metrópoles (Osório, 1995:112-113). Esta vinculação estreita com a região cada vez mais polarizada por Buenos Aires e Montevideú condicionará toda a vida de relações no território em pauta, afetando inclusive (e decisivamente) o futebol (MASCARENHAS, 2000: p. 1).

Ou seja, podemos somar ao intercâmbio cultural já existente entre gaúchos, argentinos e uruguaios, a influência de toda uma tradição europeia de forma muito mais

---

por sua postura exclusiva (somente poderiam jogar brancos, ricos e descendentes de ingleses) e aos poucos definham. E, aos poucos, o futebol tornava-se sinônimo de esporte popular.

<sup>4</sup> Ao nos referirmos à “cultura brasileira propriamente dita”, estamos enfatizando especialmente as imagens constituídas pelos grandes meios de comunicação situados no eixo Rio de Janeiro- São Paulo.

---

intensa do que em outras regiões do país. Vale citarmos mais uma vez a reflexão promovida por Mascarenhas sobre este tema:

A existência desta fronteira “viva” pouco valeria em nosso estudo não fossem os vizinhos em pauta as duas nações que sem dúvida mais precocemente desenvolveram este esporte na América do Sul. A capital argentina, por seu porte e riqueza, desenvolveu rapidamente o futebol, ao que os uruguaios, por intensa rivalidade, procuraram reagir prontamente. É através da “fronteira viva” com o Uruguai, que centros urbanos de pequeno porte tiveram acesso a “informações” até então praticamente restritas aos grandes centros e às zonas portuárias mais dinâmicas. Trata-se sem dúvida de uma adoção precoce do futebol no contexto brasileiro. Procuramos aqui não apenas demonstrar tal precocidade como sobretudo entendê-la a partir das fortes conexões do RS com as metrópoles do Prata, numa tentativa de abordagem geográfica do processo de difusão do futebol. (MASCARENHAS, 2000: p. 2)

A relação entre Argentina e Brasil neste esporte é, pois, muito próxima, contendo diversos pontos de convergência desde o nascimento deste jogo até a consolidação deste esporte e suas características de cada região. Por exemplo, o estilo de jogo adotado por equipes brasileiras geralmente é classificado pelos meios de comunicação como *jogo bonito*, ou seja, com ênfase na individualidade, criatividade e ofensividade. A história da consolidação do estilo de jogo apresentado pelas equipes da Argentina perpassa por este mesmo percurso, segundo alguns autores argentinos, como os sociólogos Eduardo Archetti e Pablo Alabarces. O *fútbol criollo* – também lembrado pelo termo *la nuestra* cunhado por Archetti em seus estudos relacionados à identidade portenha neste esporte – caracteriza-se por representar uma antítese ao futebol britânico que fora introduzido na América do Sul, dando traços exclusivos para que tal prática lúdica adquira grande importância na formação de uma identidade nacional. Termos como *gambeta*, *pibe* e *potrero* (drible, moleque e várzea, respectivamente no vocábulo brasileiro) embasarão o estilo de jogo “tipicamente” argentino, assim como farão parte da formação do estilo de jogo no Brasil nesta “matriz bricolada do futebol” (DAMO: 2007). Em suma, enquanto o estilo de jogo “tipicamente” brasileiro – *jogo bonito* – se aproximará de outras atividades lúdicas como a capoeira ou o samba e, por conseguinte, enfatizará a mestiçagem e suas influências culturais à sociedade em geral, num processo de antropofagia cultural <sup>5</sup>, o estilo de jogo “propriamente” argentino buscará promover

---

<sup>5</sup> Podemos sublinhar aqui o prefácio escrito em 1947 pelo antropólogo Gilberto Freyre ao livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, em que afirma que “o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é (...). Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se

---

através do futebol uma distinção ante este outro britânico e, ao mesmo tempo, fundar uma identidade própria. Consoante o sociólogo Pablo Alabarces,

Esta construcción anti-británica alcanza su clímax narrativo durante el peronismo, cuando, a pesar del desplazamiento que la posguerra opera sobre los imperialismos dominantes, el fútbol persistirá en su definición de un enemigo. A modo de anticipo: en 1953, luego de la primera victoria futbolística ante Inglaterra, algún periodista exaltado exclamará "Primero nacionalizamos los ferrocarriles, ahora nacionalizamos el fútbol". (ALABARCES, 2008: p. 53).

Logo, as táticas esportivas podem caracterizar também modos de classificação dos futebolis apresentados pelos respectivos países, fomentando não somente a alteridade com o brasileiro (onde são encontrados pontos de convergência e divergência)<sup>6</sup>, mas também (re) significando uma própria identidade argentina. O caso portenho nos revela, basicamente, dois estilos de jogo divergentes: o *fútbol criollo* (já mencionado anteriormente) e o seu antagonista, denominado por Pablo Alabarces como *anti-fútbol*. Este último caracteriza-se por sua aproximação com o estilo inglês de jogo, ou seja, defensivo, disciplinado e coletivo. Ademais, caracteriza-se pela grande ênfase ao empenho físico em detrimento do técnico a fim de atingir a vitória, chegando a ser definido como um estilo violento e agressivo. A equipe argentina que assumirá estes elementos e ficará estigmatizada como a "fundadora" do *anti-fútbol* será o vitorioso Estudantes de La Plata do período de 1968 a 1970. Vencedor de três edições consecutivas da Copa Libertadores da América e ganhador de um Torneio Intercontinental contra os ingleses do Manchester United<sup>7</sup>, os *pinchas* ficaram conhecidos como a equipe que encarnava os ideais propostos pelo ditador Juan Carlos Onganía. Segundo Alabarces,

---

em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol." (FILHO, 2010: p. 25).

<sup>6</sup> Um ponto que pode ser levantado fora a recente contratação do técnico argentino Ricardo Gareca para assumir o comando da Sociedade Esportiva Palmeiras. Quando o treinador fora perguntado sobre o segredo dos técnicos argentinos em competições internacionais (o que já indica determinado posicionamento preconcebido no qual os treinadores argentinos provavelmente possuam qualidades específicas), afirmou: "Não temos segredos. Gostamos do futebol brasileiro. Admiro Felipão, [Vanderlei] Luxemburgo, Muricy Ramalho, Tite. Admiramos os técnicos brasileiros. Não trago nada de novo (...). Eu venho aprender sobre o futebol brasileiro, que está acima." Perguntado mais adiante sobre o esquema tático preferido por ele, Gareca respondeu: "De uma forma geral, gosto da linha de quatro defensores (...). Um time precisa ser organizado taticamente em campo. Se não há isso, é muito difícil. O futebol requer isso." Para ler a entrevista completa, ver *link* disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2014/05/ricardo-gareca-e-apresentado-na-academia-e-ganha-camisa-9.html> Consultado em: 24/05/2014.

<sup>7</sup> A Copa Intercontinental era uma competição que reunia os clubes campeões da Copa Libertadores da América e da Copa dos Campeões da UEFA. Até 1979, eram realizados dois jogos: um no país do clube campeão da América, outro no país do clube campeão da Europa. A partir de 1980, a competição foi levada a um jogo único em "território neutro": o Japão. A competição se extinguiu em 2004 e deu lugar à Copa do Mundo de Clubes da FIFA. Para maiores informações, ver *link* disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_Intercontinental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_Intercontinental) Consultado em: 26/05/2014.

---

La *nueva mentalidad* designa la modernidad reclamada, compuesta de una serie de términos positivos que designan, por oposición, aquello que se diagnostica y se quiere desterrar. La alianza es clara: *novedad* – juventud, fortaleza, disciplina, dinamismo, vigor, entereza espiritual y física – más *humildad* (...). Los *valores* de Estudiantes son los mismos que la dictadura en el poder reclama a todos los ciudadanos argentinos: el gobierno militar del dictador Onganía es una alianza entre sectores conservadores y ultracatólicos. (ALABARCES, 2008: p. 97).

E, mais adiante, ele define a prática do *anti-fútbol* do Estudiantes de La Plata como “la tendencia a hacer de los partidos por las Copas verdaderas batallas campales, con heridos y expulsados como saldo, sumado al estilo áspero y luchador de Estudiantes.” (IDEM: 98).

É possível respaldar essas informações a partir da leitura de alguns trechos selecionados dos confrontos da edição da Copa Libertadores da América do ano de 1968 entre Palmeiras e este mesmo Estudiantes de La Plata. Alguns depoimentos são suficientes para demonstrar como tal equipe era vista pelos periódicos argentinos. Um deles é a breve entrevista ao meio-campista Pachamé após a conquista da Copa:

Pachamé era uno de los más enloquecidos. De los que gritaba su alegría para que la escuchara todo el mundo. “Este es el triunfo de la humildad, del sacrificio, de un montón de cosas que a veces la gente no llega a comprender. Nosotros en este “baile” estamos desde enero.” (CLARÍN, 17/05/1968: p. 36).

Outro ponto a confirmar a tese de Alabarces está presente na própria nota de congratulação do ditador argentino à equipe platense:

Al tener conocimiento del triunfo, el presidente de la Nación, teniente general Juan Carlos Onganía, envió al equipo de Estudiantes de La Plata el siguiente telegrama: “Felicitaciones para el campeón de América por tan magnífico lauro. Las virtudes espirituales que lo han hecho posible, son ejemplo para la juventud y orgullo del deporte nacional”. (IDEM, IBIDEM: p. 34).

Vale sublinhar aqui alguns termos como “humildade”, “sacrifício”, “virtudes espirituais” e “juventude”. Ademais, a cobertura realizada pelos periódicos sobre este Estudiantes ressalta a fortaleza defensiva e disciplina tática da equipe argentina. O capitão daquela equipe, o talentoso meio-campista Verón, era ofuscado pela dedicação tática dos outros jogadores. O estilo de jogo apresentado pelo Estudiantes era, portanto, mais “europeu” do que aquele característico *fútbol criollo*, com dribles, improvisado e individualidades:

A pesar de avanzar menos, tuvo mayores opciones de gol que los brasileños y consiguió dos hermosos goles (...). El trabajo de Estudiantes fue inteligente,

---

pensado. No puso la agresividad que alguna vez se le criticó y concretó, quizá, su más hermoso triunfo. (*IDEM, IBIDEM*: p. 34).

Vale aqui salientar a menção feita pelo jornal ao termo “agressividade”. A equipe de La Plata ficara conhecida pela prática do *anti-fútbol* entre os anos em que conquistou os principais torneios internacionais de clubes, de 1968 a 1970<sup>8</sup>. Tal façanha proporcionou a este estilo de jogo (praticado somente por poucas agremiações na Argentina<sup>9</sup>) o alcance nacional, ou seja, a Argentina passara a ser conhecida como o país do futebol agressivo, disciplinado, coletivo; pontos estes respaldados pelo fato de haver uma ditadura naquele mesmo momento.

Até então, o discurso apresentado pelos periódicos argentinos acerca de tal estilo de jogo aproxima-se da interpretação de Marshall Sahlins sobre o beisebol. Consoante o antropólogo,

Em termos amplos a sugestão é que as coletividades estão para as tendências assim como os indivíduos estão para os eventos; em outras palavras, que a escolha de sujeitos históricos depende do modo de mudança histórica.” (*SAHLINS, 2006: p.123*).

Adaptando para o contexto futebolístico, a fala de Sahlins converge em direção ao discurso proposto por Pablo Alabarces acerca do caso do Estudantes de La Plata de 1968, ou seja, que o *anti-fútbol* – estilo de jogo baseado na coletividade – representa uma tendência daquele período em toda a Argentina: um país sob a vigência de uma ditadura militar que exigia, dentre outras coisas, disciplina e união.

Entrementes, ao observar os discursos presentes nos meios de comunicação impressos dos anos seguintes, notamos que há uma permanência em alguns traços deste estilo de jogo nas equipes argentinas na Copa Libertadores da América independentemente da “tendência” política do período. Traços como “coletividade”, “disciplina tática” e “defensividade” aparecem em diferentes anos. Seleccionamos dois exemplos retirados das narrativas jornalísticas de duas datas distintas a fim de salientarmos a continuidade no estilo de jogo que possui semelhanças com o *anti-fútbol*:

---

<sup>8</sup> Não somente a equipe de La Plata ficou conhecida como praticante do *anti-fútbol*. Esta prática adquiriu proporções nacionais, e todas as equipes argentinas passaram a ser identificadas com tal rótulo, ou seja, com ênfase na coletividade, na disciplina tática e, se for preciso, na violência. Relatos (*ALABARCES, 2008; SEBRELI, 2005*) afirmam que a partir de 1967, quando o Racing Club da Argentina ganhou o direito de enfrentar o Glasgow Celtic da Escócia pela Copa Intercontinental, a violência tomou dimensões notáveis dentro e fora de campo, através dos torcedores argentinos. O Estudantes de La Plata fora responsável por “esquematizar” tal prática após conquistar três Copas Libertadores da América de forma consecutiva e uma Copa Intercontinental frente a um clube inglês – ou seja, o adversário principal da Argentina –, o Manchester United, o representante da Coroa e do Imperialismo.

<sup>9</sup> O Racing Club fora campeão da Copa Libertadores da América e da Copa Intercontinental do ano de 1967 utilizando condutas semelhantes ao *anti-fútbol* consagrado anos depois pelo Estudantes de La Plata (*ALABARCES, 2008*).



---

Pero eso no significa que Independiente no sea un equipo ideal para este tipo de choques calientes. Lo acaba de demostrar por una vez más. Y fundamentalmente con las viejas armas: su personalidad y su cabeza fría. Sólo así, y no de otra manera, pudo sacar este uno a cero de hoy. Porque una cosa es que San Pablo se repitió hasta la exageración. Pero otra es que había que aguantar el ollazo sin cometer una sola falla. Y los campeones [Independiente] no la tuvieron. Al menos defensivamente. (CLARÍN, 20/10/1974. p. 23).

Observamos, aqui, a presença de termos como “defensivamente”, “cabeça fria” e “personalidade” que podem remeter a um estilo de jogo menos individualista e mais coletivo, com ênfase na disciplina tática. Ao avançarmos mais de trinta anos, veremos que elementos constitutivos daquilo que representaria o antagonismo do estilo de jogo argentino estão presentes com clareza nos periódicos. Na edição da Copa Libertadores da América de 2007, encontramos esta breve entrevista com o goleiro do Grêmio, o argentino Saja, que avalia os diferentes estilos de jogo apresentados pelo futebol brasileiro e o argentino:

Tras la práctica de ayer, el arquero expresó su receta para ganar la serie: “El jugador brasileño es más técnico y juega más bonito. El argentino apela a mañas para hacer tiempo y parar el juego. Por eso no debemos ceder tiros libres y hacer fouls tontos.”. (LA NACIÓN. 20/06/2007. p. 4 sec. Deportiva).

É notável a distinção promovida pelo goleiro argentino: os brasileiros e os argentinos são colocados em estereótipos criados pelos meios de comunicação impressos brasileiros, mesmo o Grêmio sendo uma equipe que pouco se encaixa aos moldes de “brasileira”<sup>10</sup>. Aqui, o argentino salienta a “catimba”<sup>11</sup> utilizada pelos seus conterrâneos como estratégia para intimidar o adversário e, portanto, vencer a partida. Esta “apelação” dos clubes argentinos remete àquela que marcou o Estudiantes de La Plata de 1968, conhecido pelo *anti-fútbol*, oposto do “jogo mais bonito” brasileiro. A diferença é que a intimidação não era meramente simbólica, como também (ou unicamente) física.

O outro lado da moeda – o *estilo criollo* – associa-se mais a determinados “eventos” (SAHLINS: 2006) do que a períodos históricos. Por exemplo, o jogo da Copa do Mundo de 1986 entre Argentina e Inglaterra ficará marcado pelos dois gols de Diego Maradona, *el pibe de oro*. Nesta partida, em que a equipe portenha teve a sua desforra –

---

<sup>10</sup> Para maiores detalhes sobre tal discussão, ver MEYER, 2014.

<sup>11</sup> Termo brasileiro que caracteriza a prática do antijogo, ou seja, o retardamento da partida através da violência, da demora em cobrar uma falta (ou tiro de meta, escanteio).

dentro e fora de campo – contra os europeus. O primeiro gol consistia em uma demonstração “pura” deste estilo de jogo: Maradona partira do meio-campo, driblaria diversos jogadores britânicos – inclusive o goleiro – e tocara a bola ao gol vazio. O segundo – a famigerada “mano de Diós” – representara a *viveza criolla*<sup>12</sup> adaptada ao futebol: Diego Maradona antecipara o goleiro no cruzamento esticando o braço para empurrar a bola às redes.

O “maradonismo” representara uma reconfiguração da figura do argentino que permanecera irreconhecível desde o declínio do peronismo (ALABARCES: 2008) e a aura construída sobre suas figuras, especialmente em Evita Perón. A figura do peronismo presente no futebol, segundo Alabarces, é representada na figura deste jogador de origem humilde, da periferia de Buenos Aires, do *pibe* que se tornou um *crack* e conquistara o mundo com suas *gambetas*, com seus autos e baixos durante toda a carreira e que, por fim, volta para a casa<sup>13</sup>. Em suma, tal personagem acabou reincorporando o “adormecido” *estilo criollo* “tipicamente” argentino:

La figura de Maradona es central en el relato nacionalista futbolístico de los años ochenta (...). Maradona funcionó como “centro luminoso” de la *patrioticidad* del fútbol argentino, un centro que lleva toda la serie anterior hasta la hipérbole. Maradona también ofreció la posibilidad de apropiarse de un sentido errante: el de una sociedad que vió derrumbarse sus referencias políticas más elementares. Maradona fue la (¿última?) posibilidad de otorgarle a la *patria* un sentido (futebolístico), históricamente objeto de disputa. (ALABARCES, 2008: p. 133).

A imagem do estilo de jogo *criollo*, personificada e consolidada na imagem de Diego Maradona nas décadas de 1980 e 1990, ganhará destaque em outro “evento” de uma agremiação argentina durante a Copa Libertadores da América de 2003, quando o “desacreditado” Boca Juniors ganhou dos brasileiros do Santos dotados com a chamada segunda geração dos “Meninos da Vila”<sup>14</sup>. Nesta ocasião, brilhou a estrela de um

<sup>12</sup> Termo semelhante ao “jeitinho brasileiro”. O historiador Juan José Sebreli definirá tal termo desta forma: “La sociedad argentina se ha caracterizado por el acostumbramiento a la ilegalidad – la mayor parte de sus gobiernos fueron ilegítimos o fraudulentos –, por la aceptación de la impunidad y la celebración de la picardía llamada “viveza criolla” como una virtud mayor que el trabajo y el talento. En la obra literaria que se considera más representativa, sus dos héroes son un cuchillero – Martín Fierro – y el sórdido viejo Vizcacha, cuyos consejos son la exaltación cínica de la inescrupulosidad. Es frecuente además la idealización de bandidos como Bairoletto o Isidoro Velázquez, transformados en rebeldes sociales, o la fama efímera otorgada a cajeros defraudadores como Roura o Fendrich.” (SEBRELI, 2005: p. 204).

<sup>13</sup> Diego Maradona encerrou sua carreira como jogador pelo clube mais popular da Argentina: o Boca Juniors.

<sup>14</sup> Nome dado aos times da equipe do litoral paulista em que se revelaram grandes jogadores em sua base. A segunda geração dos Meninos da Vila conquistou, dentre outros títulos, o Campeonato Brasileiro de 2002 e o vice-campeonato da Copa Libertadores da América de 2003. Havia no elenco jogadores como: Robinho, Diego, Elano, Renato, Alex, Léo, entre outros. Para maiores informações, consultar *links* disponíveis em: <http://canelada.com.br/santos/meninos-da-vila-%E2%80%93-um-fenomeno-santista-geracao-2-%E2%80%93-2002/> e <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/04/meninos-da-vila-fazem-historia-no-santos-ha-geracoes.html>  
Consultados em: 26/05/2014.



possível sucessor de Maradona: um *pibe* pobre da periferia de Buenos Aires, que aprendeu a jogar futebol em *potreros*<sup>15</sup> e que conseguira ascender à maior equipe do país graças ao seu talento demonstrado por suas *gambetas*.

“Era cierto nomás... Algún día se iban a acabar los elogios para este pibe, *Carlitos*, **el de la habilidad indescifrable y el coraje inagotable** (...). Los brasileños del Santos, conscientes de que en el plano estrictamente futbolístico corrían con desventaja para neutralizarlo, lo *corrieron* por otro lado. Así, buscaron anularlo a través de la guapeza. Leao le encomendó la misión de *bailar con la más fea* a Alex (...). Y Alex, un guapo de aquellos, se encontró con que Carlos Alberto Tevez **era más guapo que él**. Porque se había criado en Fuerte Apache y porque desde chico **había acostumbrado el lomo a no sentir dolor en la patada**, en el roce, en el manotazo. A jugar con dos canilleras por cada pierna, una atrás y otra adelante...” (CLARÍN. 03/07/2003. p. 5 sec. Deportivo).

A caracterização de Tevez como um jogador de grande habilidade e coragem e, ao mesmo tempo, a menção à dureza e resistência adquirida em sua infância no bairro Fuerte Apache (um dos mais violentos e pobres da capital federal), demonstra a figura ideal do jogador argentino nos moldes do “maradonismo”, ou seja, aquele que não foge à luta (“había acostumbrado el lomo a no sentir dolor en la patada”), de origem humilde e que ascendeu na vida graças ao futebol praticado em campos de terra e que, principalmente, é “humano” – não só a carreira como também sua vida pessoal tem altos e baixos<sup>16</sup>. Tais características o transformam, portanto, em um ídolo nacional<sup>17</sup> – ou, no mínimo, clubístico –, reincorporando a caracterização do estilo *criollo*, encontrado em times com talentos individuais, com foco no ataque e na técnica<sup>18</sup>.

Entrementes, não podemos considerar este estilo de jogo como “puramente” *criollo*. Vimos na descrição realizada acima de Tévez alguns termos que divergem daqueles propostos pelo estilo *criollo*, remetendo sempre à “dureza” na qual tal jogador fora forjado. Ademais, ao voltarmos alguns dias antes da conquista de Boca Juniors em

<sup>15</sup> Termo semelhante à “várzea” brasileira.

<sup>16</sup> Por exemplo, podemos recordar a passagem de Tévez pelo Corinthians. Quando chegou ao Brasil, fora visto como um passo adiante em sua vida pessoal e sua carreira. No entanto, saiu do clube paulista brigado devido à polêmicas dentro e fora de campo, o que pode ser interpretado como um ponto baixo.

<sup>17</sup> Para muitos argentinos, o “popular” Carlos Tevez é mais querido do que o “frio” Lionel Messi, eleito o melhor jogador do mundo quatro vezes consecutivas. Para maiores detalhes sobre tal tema, consultar *link* disponível em: [http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/argentinos-lamentam-tevez-fora-e-culpam-briga-com-messi\\_aa578456ee7f5410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/argentinos-lamentam-tevez-fora-e-culpam-briga-com-messi_aa578456ee7f5410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html) Consultado em: 26/05/2014.

<sup>18</sup> Vale recordar que, não somente em 2003, como durante toda a década passada, o clube Boca Juniors – o qual participara de cinco finais da Copa Libertadores da América, conquistando o título em três – teve outro talento individual: Juan Roman Riquelme. Cria da base boquense, este meio-campista tem uma forte ligação com a torcida *xeneize*, além de realizar partidas decisivas nas finais em que disputou, sendo destaque na maioria delas.

2003, o discurso presente nos periódicos argentinos alegava que tal equipe era caracterizada por elementos que remetiam a um futebol mais tático, defensivo, disciplinado e humilde; termos estes que se aproximam daquele *anti-fútbol* apresentado pelo Estudantes de La Plata em meados das décadas de 1960 e 1970 e que “contaminou” o futebol argentino.

La fortaleza táctica de Boca, su concentración, su disciplina para interpretar lo que demanda el partido y el vuelo que le dan sus atacantes contra un rival de espíritu ofensivo, no tan experimentado, que crece y se potencia con la pelota en los pies y pasa zozobras la hora de recuperarla (...). Santos representa un estilo siempre atractivo: sus integrantes son mayormente jóvenes, atrevidos, habilidosos.” (LA NACIÓN. 25/06/2003. p. 3 sec. Deportivo).

Neste trecho acima, o periódico argentino caracteriza o estilo de jogo de Boca Juniors com traços semelhantes àqueles apresentados nas narrativas da equipe de La Plata em 1968; palavras como “fortaleza tática”, “concentração” e “disciplina” remetem a uma coletividade em detrimento da individualidade. Ao mesmo tempo em que notamos a presença desta avaliação positiva da coletividade, existem traços que aludem ao “maradonismo” – o jogador talentoso, criativo, que prioriza as jogadas individuais – neste mesmo conjunto, incorporado na figura do atacante Carlos Tévez.

### **“Jogo Bonito” – Caracterização do Brasileiro nas Narrativas Jornalísticas**

Uma segunda avaliação referente à última citação nos indica uma das interpretações dos meios de comunicação impressos argentino referente ao estilo de jogo utilizado pelas equipes brasileiras nestes confrontos de Copa. Na análise realizada nestes periódicos, pudemos observar uma constante menção ao futebol brasileiro como aquele em que se pratica o “clássico” (ou “tradicional”) *jogo bonito*, ou seja, um estilo de jogo que possui diversos traços de convergência com o *estilo criollo*, já mencionado anteriormente. A representação deste outro – “o” futebol brasileiro – se apresentará de diversas formas nos periódicos.

San Pablo no fue un rival duro, ni complicado, pero tampoco un equipo sin argumentos y sin capacidad. Se mantuvo dentro del clásico estilo brasileño, ese que se permite jugar sin mayores ataduras, que propone un juego abierto y ofensivo, que cubre espacios y que busca respaldar los ataques con bastante gente (...). San Pablo insinuó que en el Morumbi crecerá. Suele ocurrir con muchos equipos brasileños que en su cancha, con el colorido de su tribuna, con la batucada, con los fuegos de artificio, se encienden a pleno las

---

individualidades y aparece esos festivales futbolísticos que deslumbran y demuelen. (CLARÍN. 12/06/1992. p. 56).

Inicialmente, vemos que a definição do “clássico” estilo de jogo brasileiro aproxima-se da ideia proposta por Pablo Alabarces para o estilo de jogo argentino, ou seja, um futebol “aberto” e “ofensivo”. Ademais, nota-se que a relação com este “outro” encontra-se em uma posição de admiração com os “festivais futebolísticos” apresentados pelas equipes brasileiras de um modo geral.

Outra categoria que remete às reflexões acerca dos diferentes estilos de jogo consiste na presença de grandes jogadores capazes de, individualmente, levarem uma equipe à conquista de grandes glórias. Um periódico argentino convocou Antonio Rattin, capitão da equipe de Boca Juniors na final da Copa Libertadores de 1963, que perdeu a final contra o Santos, para comentar sobre a decisão deste torneio em 2003. O ex-jogador reforça alguns pontos, como as diferentes “escolas” de jogo no futebol de Argentina e Brasil:

Nosotros éramos un buen equipo, como el que ahora tiene Boca, pero en el 63, con Pelé, Santos tenía robo (...). Nosotros teníamos un 30 y Santos un 70 por ciento de probabilidades de llevarse la Copa. Ahora es más parejo; antes era mucho más competitivo (...). Hoy, Boca y Santos será el enfrentamiento de dos escuelas distintas. Los brasileños representan, como se dice, el *jogo bonito*, con dos o tres chicos que en ataque son importantísimos, pero a la vez son flojitos en defensa. El equipo de Bianchi tiene personalidad, transpira la camiseta y demostró que de visitante rinde más que de local. (LA NACIÓN. 25/06/2003. p. 5 sec. Deportivo).

Dois pontos merecem destaque nesta passagem. Em primeiro lugar, a utilização de termos que qualificam as equipes brasileiras como um todo que pratica um único estilo de jogo, o *jogo bonito* (forte no ataque, fraco na defesa), enquanto que os clubes argentinos possuem a disciplina e a garra como elementos principais – garra esta que está associada ao “suar a camisa”, à dedicação extrema; categorias estas “invejadas” pelos periódicos brasileiros quando se referem aos argentinos (MEYER: 2014). Outro ponto – que já salientamos anteriormente – é a referência a um jogador relacionado a determinado “evento” no qual ele consagra toda uma coletividade através de sua individualidade (SAHLINS: 2006). No entanto, não podemos pensar aqui em um possível “peleísmo” nos mesmos moldes do “maradonismo” (termo adotado pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces), visto que a representação fomentada de Diego

Maradona é distinta daquela de Pelé, apesar de ambos serem considerados grandes ídolos nacionais (ao menos no esporte), virem de lugares carentes, ascenderem através do futebol, entre outros elementos que caracterizem tal classificação. Em uma palavra, Maradona é mais “popular” do que Pelé em suas ações fora das quatro linhas que delimitam o campo de futebol <sup>19</sup>.

Não obstante, o futebol brasileiro é também interpretado em moldes distintos daquele “típico” *jogo bonito*, principalmente quando nos debruçamos sobre as edições mais recentes da Copa Libertadores da América, como a final entre Grêmio e Boca Juniors de 2007:

Equipo agresivo, saludable, que propone siempre y tanta audacia, muchas veces, ofrece garantías a los adversarios, debió transformarse Boca en un equipo utilitario, aguerrido, compacto, ya que Gremio lo llevó a ese terreno (...). Es Gremio un equipo duro, que para muchos poco tiene de “brasileño”, pero no ofrece garantías en el fondo y en el ataque.” (*LA NACIÓN*. 14/06/2007. p. 3 sec. Deportiva).

Mesmo se distanciando do *jogo bonito*, o Grêmio, equipe do Rio Grande do Sul <sup>20</sup>, é comparado pelos periódicos argentinos ao “padrão” brasileiro de futebol e rotulado como uma equipe “pouco brasileira”, visto que é uma “equipe dura” e que tende a concentrar suas forças na coletividade e disciplina tática. Vimos uma repetição deste fenômeno em 2012, na edição entre Corinthians e Boca Juniors, na qual o técnico gaúcho Tite treinava a equipe paulistana, na qual o jornal é mais minucioso nas descrições acerca deste estilo de jogo peculiar:

Corinthians se destaca por su entramado defensivo impenetrable y llega a la Bombonera con las credenciales de un *catenaccio* a la brasileña (...). El camino del Corinthians es el de la imbatibilidad. No perdió ningún partido en el certamen. Además, solamente recibió tres tantos en los doce partidos que disputó. Ganó siete y empató cinco. Su formación no tiene grandes estrellas. Su dupla central, formada por Leandro Castán y Chicão, es uno de los puntos altos (...). En el medio se destacan Paulinho y Danilo. Todos marcan, todos juegan. (*CLARÍN*. 27/06/2012. p. 53).

<sup>19</sup> Muitas vezes se é possível ler notícias referentes a Diego Maradona e suas menções à Villa Fiorito, bairro carente da grande Buenos Aires; ou então depoimentos do jogador reverenciando o líder revolucionário Ernesto “Che” Guevara (tendo, inclusive, uma tatuagem deste no braço). Pelé, pelo contrário, fora de campo ficou conhecido como apoiador da ditadura militar no Brasil e, mais recentemente, ao apoiar medidas governamentais antipopulares pela Copa do Mundo de futebol. A entrevista de Diego Maradona homenageando Che Guevara está disponível no *link* que segue: <http://www.youtube.com/watch?v=FU95CivfSM> Consultado em: 31/05/2014.

<sup>20</sup> Sobre a discussão acerca da influência platina no futebol gaúcho, ver MEYER: 2014.

---

Além da clara referência a características como a coletividade e a disciplina tática (“todos marcan, todos juegan”), há indicações diretas relacionadas à ênfase desta equipe no esquema defensivo, com termos oriundos de uma “antropofagização”, como o próprio *catenaccio*<sup>21</sup>, que neste caso fora “abrasileirado”. Longe de ser uma equipe que concentra suas atenções a um determinado jogador – dos quatro jogadores citados acima, dois são zagueiros, um é volante e outro é um meio-campista –, como o caso do São Paulo em 1992 ou do Santos em 2003 (e em 1963), o Corinthians (e o Grêmio) apresenta classificações semelhantes àquela encontrada no Estudantes de La Plata de 1968 e o seu *anti-fútbol*. Termos referindo-se à um jogo duro, coletivo, defensivo, disciplinado e “humilde”<sup>22</sup>; palavras estas já encontradas nos periódicos de 1968 ao se referirem à equipe argentina.

### **Considerações Finais**

Vimos neste texto algumas considerações referentes à relação de alteridade entre clubes argentinos e brasileiros na Copa Libertadores da América através da análise das narrativas e impressões dos periódicos argentinos. Ademais, ressaltamos dois pontos acerca desta rivalidade: os diferentes estilos de jogo incorporados pelas equipes de ambos os países; e os registros relacionados à violência nos estádios, dentro ou fora de campo.

Com relação aos futebóis apresentados pelas agremiações de Argentina e Brasil ao longo dos anos, podemos concluir que há uma constante produção mutável e flexível nos meios de comunicação impressos argentino com respeito ao “outro” brasileiro, classificando-o especialmente como o praticante do *jogo bonito*. Mesmo nos casos em que times deste país praticam um futebol com características divergentes – como o caso das equipes gaúchas ou treinadas por técnicos gaúchos – é possível notar a constante expressão como se esta fosse um parâmetro para determinar se dada equipe é mais ou menos “brasileira”.

---

<sup>21</sup> *Catenaccio* que, em italiano, significa “cadeado”, é um estilo de jogo que teve suas origens na década de 1930 na Suíça, mas que atingira seu ápice nas décadas de 1960 e 1970 com as equipes italianas em competições europeias. Em poucas palavras, tal estilo de jogo propõe um modelo extremamente defensivo, concentrando suas forças ofensivas em rápidos contra-ataques. Este modelo exige um grande esforço disciplinar, tático e coletivo. E até hoje faz parte da caricatura dos estilos de jogo de equipes (clubes ou seleções nacionais) da Itália e da Suíça. Para maiores informações, ver *link* disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/prelecao/2009/11/30/catenaccio-pai-da-retranca-e-do-contra-ataque/?topo=13,1,1,,10,13> Consultado em: 01/06/2014.

<sup>22</sup> Aqui podemos destacar um trecho de um periódico argentino sobre uma entrevista com Tite, técnico do Corinthians em 2012, na qual ele afirma que: “El grupo está confiado, pero al mismo tiempo muy alerta. Estamos preparados. Nuestra marca será la humildad. La Bombonera existe y es real. Pero un equipo maduro debe saber jugar en cualquier estadio.” (CLARÍN. 26/06/2012. p. 44).

Entretanto, os jornais argentinos, ao produzirem uma imagem do brasileiro, montam uma imagem do argentino como o “não-brasileiro”, em um movimento típico do “pertencimento clubístico”, onde, por exemplo, um torcedor do Corinthians implica em ser um antipalmeirense (DAMO: 2007). Ademais, segundo a análise realizada das narrativas destes periódicos, encontramos três grandes estilos de jogo no futebol argentino. O primeiro é o chamado *estilo criollo* (também conhecido como *la nuestra*), um estilo de jogo muito semelhante ao *jogo bonito* brasileiro – ofensivo, criativo, individual – e autoproclamado como o estilo propriamente “argentino” (ALABARCES: 2008); o segundo pode ser denominado como *anti-fútbol*, ou seja, a antítese do apresentado anteriormente e representante do futebol “europeu” – a saber, defensivo, disciplinado, coletivo –; por fim, encontramos uma espécie “mista” de futebol, com uma frequência grande a partir dos anos 1990, nas equipes com o modelo “Carlos Bianchi” de futebol. Este treinador conseguiu levar o Vélez Sarsfield, em 1994, e o Boca Juniors, em 2000, 2001 e 2003, ao título da Copa Libertadores da América. Bianchi consagrou-se por tais conquistas e, sempre que entrevistado, destacava a disciplina tática, a coletividade e a humildade do elenco; termos estes que remetem ao período do *anti-fútbol*. No entanto, todas as suas equipes (com exceção do Vélez Sarsfield) tinham um grande jogador dotado de habilidade única, criatividade e ousadia que remetiam ao *pibe* ideal e protagonista *estilo criollo*.

Portanto, observa-se que a autoidentificação promovida através destes discursos é um processo ambíguo e flexível. A classificação do “outro” como um sujeito ideal é também restrito a determinados “eventos” que consagraram o estilo de jogo tipicamente “brasileiro”. A raiz de ambos os futebolis tem em comum a antropofagização e a adaptação do esporte trazido pelos ingleses. Enquanto a imagem da genealogia do futebol brasileiro concentra-se na mestiçagem e na influência do negro na cultura nacional; o argentino encontra sua base ludopédica nos heróis *gaúchos* e em sua *vivencia criolla* (SEBRELI: 2005).

E nestes ideais com características tão semelhantes, ainda é possível encontrar alguns traços de divergência sutis, mas que auxiliam na peculiaridade de cada um deles. Segundo Simoni Guedes,

Um forte indício de diferenciação anota-se em uma outra dimensão muito enfatizada no constructo platino – a do “toque” de bola – forma através da qual reinventa-se, através de uma específica habilidade, o valor do coletivo. A



---

habilidade para “tocar a bola”, embora também expressa no constructo brasileiro, possivelmente não assume, nesse caso, o mesmo valor da improvisação e do desempenho individual. (GUEDES, 2002: p. 13).

Em outras palavras, o elemento central que diferencia os futebolistas pode se resumir na expressão geralmente dada aos argentinos pela imprensa brasileira como aqueles que sabem “cadenciar o jogo”, com foco na posse de bola, também conhecido como o “toco y me voy”. Aqui podemos lembrar a imagem de Juan Román Riquelme, meio-campista de Boca Juniors e principal símbolo desta equipe durante as conquistas deste clube nos anos 2000.

### Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y Patria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

GUEDES, Simoni Lahud. **De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVI, 2002, Caxambú. ANPOCS. Disponível em: [http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/043411\\_Guedes%20-%20Notas%20sobre%20futebol%20e%20identidade%20nacional%20na%20Argentina%20e%20no%20Brasil.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/043411_Guedes%20-%20Notas%20sobre%20futebol%20e%20identidade%20nacional%20na%20Argentina%20e%20no%20Brasil.pdf) Consultado em: 04/06/2014.

HELAL, Ronaldo. **Espírito para lá de esportivo**. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, Maio 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/espírito-pra-la-de-esportivo> Consultado em: 30/08/2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul**. In.: Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 5. Nº26. Buenos Aires: Revista digital “Efdeportes”, 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm> Consultado em: 30/08/2014.

MEYER, Diogo Corrêa. **A Construção de Identidades Regionais na Copa Libertadores**. Disponível em: <http://www.semanasociais.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/03/Anais-sociais-com-artigo-5.pdf> Consultado em: 30/08/2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAHLINS, Marshall. **O beisebol é a sociedade representada como jogo**. In.: História e cultura: apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol**. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.